



## Atualidades

### **Rosa Guedes Lopes**

Psicanalista; doutora em Teoria Psicanalítica -PPGTP/UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil); professora da Faculdade de Psicologia da Universidade Estácio de Sá – UNESA (Rio de Janeiro, Brasil); membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental AUPPF (São Paulo, Brasil); vice-presidente do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana – ISEPOL (Rio de Janeiro)  
E-mail: [rosa.guedes.lopes@globo.com](mailto:rosa.guedes.lopes@globo.com)

**Ideologia: você quer uma pra viver?** – Este foi o tema do IV Simpósio do INSTITUTO SEPHORA DE ENSINO E PESQUISA DE ORIENTAÇÃO LACANIANA, realizado no dia 16 de agosto de 2014, no auditório do Hospital Copa D’Or, na cidade do Rio de Janeiro. O tema deu continuidade às pesquisas do ano anterior, apresentadas no III Simpósio. Em 2013, os analistas do ISEPOL interrogaram-se sobre qual seria o lugar certo onde colocar o desejo, mais especificamente o desejo do analista, motor do tratamento psicanalítico. Esta questão se opôs à falta de rigor teórico que vem caracterizando a formação analítica no mundo contemporâneo. O desleixo relativo ao ensino da doutrina psicanalítica permitiu questionar se a psicanálise não estaria correndo o risco de formar analistas cuja prática discursiva nada ficaria devendo à dos movimentos sociais. Identificado às bandeiras sociais, ao discurso dos grupos de defesa de interesses de minorias, às ideologias tribalistas, como o discurso analítico poderia continuar capaz de manter a sua posição subversiva original, que revelava a satisfação pulsional inerente a todo ato de fala? No campo da psicanálise, os analistas fazem parte de uma tribo?

A psicanálise inventada por Freud caracterizou-se por situar o mal estar do sujeito moderno através da relação conflituosa travada entre os interesses de um indivíduo e os de uma civilização na qual os ideais de cidadania deveriam estar acima dos interesses particulares. Com esta estrutura, Freud tornava impossível desconectar a subjetividade e o mundo externo no qual ela emerge. Situar o conflito entre o desejo inconsciente, profundamente transgressivo em relação ao “bem comum”, e as exigências do mundo externo, era a condição de revelar à consciência as fixações de gozo contidas no sintoma. Neste sentido, a tarefa do analista, apesar de levar em conta o mais singular de cada um, ou seja, o desejo inconsciente, nunca o desconectava de sua origem: o desejo do Outro. O mundo contemporâneo caracteriza-se gradativamente pela derrubada da noção de cidadania, originalmente suportada por ideais coletivos. Guiada pelos interesses de um capitalismo devorador, a categoria moderna de indivíduo se vê cada vez mais parasitada por ideologias que incitam à degradação do sagrado, ao consumo desenfreado, ao gozo ilimitado e à defesa de direitos de alguns grupos que ou não se conectam ou se opõem frontalmente aos ideais universais que fundaram a modernidade.

Ora, o psicanalista também é um indivíduo. Em "Análise terminável e interminável" (1937), Freud já nos advertia de que, exceto pelo fato de que os analistas têm acesso à teoria psicanalítica e aprendem "a praticar uma arte específica", eles "são seres humanos como quaisquer outros". Ou seja, encontram-se imersos no mesmo caldo de cultura fabricado pelas ideologias que compõem a versão contemporânea do individualismo e promovem o deslocamento do desejo inconsciente em prol do incentivo ao gozo que passa ao largo de qualquer medida comum. Quais as consequências para o desejo do analista e para o campo psicanalítico quando os psicanalistas perdem a relação de exterioridade interna que o discurso da psicanálise precisa manter com os discursos civilizatórios dominantes?

Este debate foi o pano de fundo que orientou os trabalhos apresentados no IV Simpósio, em 2014. Quais as consequências para o campo conceitual da psicanálise quando observamos que seus conceitos deixam de estar suportados pela tensão estrutural entre o desejo inconsciente e as limitações ao gozo, uma vez que o mundo externo não se caracteriza mais pela repressão? Qual o lugar certo onde colocar o desejo? A formação analítica, como correlata da educação, é uma ideologia caduca? Ela não serve para mais nada? Não foi isso o que demonstrou a entrada da orientação do ISEPOL no trabalho desenvolvido pelo Serviço de Psicologia do Hospital Copa D'Or, coordenado por Fernanda Saboya. Tampouco na pesquisa sobre os transtornos alimentares, coordenada por Cristina Antunes, cujo relato de um caso clínico exemplificou a eficiência da educação formal para o alcance da ascensão social e do sucesso profissional de um indivíduo de origem humilde. Entretanto, não o capacitou a separar-se afetivamente de sua origem e constituir uma família.

Às trajetórias bem sucedidas projetadas pela ênfase na potência moral, no supereu, no ideal, opõe-se atualmente uma discursividade que abole a individualidade dos projetos de inclusão social em nome de propostas sociais nas quais não encontramos mais o inconsciente, o supereu... A consciência moral coletivizou-se através do que é tido como "politicamente correto". Neste sentido, vemos que a moralidade não é mais uma prerrogativa do indivíduo. Suas escolhas não são mais feitas livremente nem determinadas pelo inconsciente. No lugar do que particulariza cada escolha e permitia a responsabilidade pessoal por cada ato, vemos corpos que agem comandados por um supereu social que dá lugar a uma "ordem de ferro". Qual o lugar do discurso analítico nesta conjuntura? Ao lado do individualismo ou da normatividade social?

A psicanálise é tributária das ideologias individualistas solidárias de valores tais como a educação. O eu, o supereu e o ideal do eu são conceitos psicanalíticos que denotam a ênfase nas escolhas subjetivas cujo motor é o desejo inconsciente. Os discursos hegemônicos do mundo contemporâneo deixam de lado o desejo em nome de obrigações ditas sociais. Como efeito, temos a ascensão de políticas de direito ao gozo cuja consequência é a promoção de movimentos coletivos que desqualificam o valor dos interesses de cada um e promovem a desvalorização da educação e da disciplina. Nesta direção caminhou o trabalho apresentado por Leny Mrech sobre o desamparo do professor em sua tarefa de ensinar. De um lado, fala-se do direito à educação. De outro, este

direito é correlato do direito de recusar-se a aprender e de ser indisciplinado em sala de aula. Onde fica, então, a liderança do professor? Caberia a ele este papel? Jorge Forbes interrogou o fundamento desta liderança: em nome de que? de quem? de que valores? Quais os ideais que norteariam essa liderança na atualidade? Autoridade ou consenso de pares?

Ana Lydia Santiago abordou o tema da inclusão escolar, mecanismo pelo qual procura-se garantir o acesso universal à leitura e à escrita sem que seja considerado o desenrolar do processo educativo quando se junta, em uma mesma sala de aula, indivíduos portadores das mais diversas necessidades educacionais especiais. Rosinda Oliveira mostrou que essa política em nome da igualdade produz o rebaixamento da inteligência, traz dificuldades para o processo de escolarização, além de dificultar a própria mentalidade inclusiva. Será que basta saber ler e escrever? Igualdade ou segregação?

Maria José Gontijo Salum interrogou a dificuldade de localizar a responsabilidade parental numa sociedade assistencialista, na qual os cidadãos são considerados "filhos do Estado". Nádia Laguárdia falou com entusiasmo de sua pesquisa sobre o lugar da internet entre os jovens adolescentes, que dá lugar a novas identificações entre pares. Diante da horizontalidade do campo identificatório, o analista deve invocar a paternidade ou a fraternidade?

Katia Danenberg, Susana Sabbá, Rosa Guedes Lopes, Andréa Martello, Fernanda Queiróz de Paula e Patrícia Mattos Rodrigues falaram da incidência dos excessos e precariedades da função paterna na clínica psicanalítica. Se Freud considerava a psicanálise como um processo pós-educativo, então o psicanalista é um agente "pós-educador". Ele intervém com o discurso psicanalítico sobre a economia pulsional no ponto em que ela resistiu à domesticação parental ou às restrições impostas pelo mundo externo para revelar as fixações de gozo que causam sofrimento e/ou fazem obstáculo ao laço social. É possível ao psicanalista ignorar esta tarefa?

**CITACÃO/CITATION:** Lopes, R. G. (nov. 2013 a abr. 2014). Atualidades. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 9(17), 106-109. Disponível em [www.isepol.com/asephallus](http://www.isepol.com/asephallus). doi: 10.17852/1809-709x.2019v9n17p106-109.

**Editor do artigo:** Tania Coelho dos Santos.

**Recebido/Received:** 25/11/2013 / 11/15/2013.

**Aceito/Accepted:** 13/02/2014 / 02/13/2014.

**Copyright:** © 2013 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.



Núcleo  
**SEPHORA**  
Faz quinze anos!

**IV SIMPÓSIO  
DO ISEPOL**

# ideologia!

Você quer uma para viver?

16 de agosto de 2014

**9:00 ABERTURA**  
FERNANDA SABOYA, MARIANA MEDRADO e FLÁVIA COSTA  
Educação, Ideologia Caduca? Pinga Fogo!

**1 INDIVIDUALISMO OU NORMATIVIDADE SOCIAL?**

**9:30 EXCEÇÕES**  
MARIA CRISITNA ANTUNES  
Psicanalista, membro do ISEPOL

**10:00 TRIBALIZAÇÕES**  
TANIA COELHO DOS SANTOS  
Psicanalista, membro da EBP/AMP, Presidente do ISEPOL

**2 AUTORIDADE OU CONSENSO DE PARES?**

**10:30 DESAMPARADOS**  
LENY MAGALHÃES MRECH  
Psicanalista, membro da EBP/AMP, Coordenadora do NUPPE/FEUSP

**11:00 LIDERANÇAS**  
JORGE FORBES  
Psicanalista, AME da EBP/AMP, AME da NLS/AMP, Presidente do IPLA

**3 IGUALDADE OU SEGREGAÇÃO?**

**11:30 INCLUSÕES**  
ANA LYDIA SANTIAGO  
Psicanalista, AE da EBP/AMP, Coordenadora do NIPSI/FAE/UFMG

**12:00 DIFERENÇAS**  
ROSINDA OLIVEIRA  
Neuropsicóloga, membro do IBN&C, Professora Adjunta do IP/UFRJ

**13:00 BRUNCH**

**PATERNIDADE OU FRATERNIDADE?**

**14:30 RESPONSABILIDADES**  
MARIA JOSE GONTIJO  
Psicanalista, membro da EBP/AMP, Pós-Doc na FAE/UFMG

**15:00 INTERATIVIDADES**  
NADIA LAGUARDIA  
Professora Adjunta da FAFICH/UFMG, Pós-doc Teoria psicanalítica/UFRJ

**EXCESSO OU PRECARIIDADE?**

**15:30 MEDOS**  
KATIA DANENBERG  
Psicanalista, membro do ISEPOL  
SUSANA SABBÁ  
Psicanalista, membro do ISEPOL  
ROSA GUEDES LOPES  
Psicanalista, membro do ISEPOL, Professora da UNESA

**16:00 ABANDONOS**  
ANDREA MARTELLO  
Psicanalista, Membro do ISEPOL  
FERNANDA QUEIROZ DE PAULA  
Psicanalistas, Membro do ISEPOL  
PATRICIA MATTOS RODRIGUES  
Psicanalista, Membro do ISEPOL

**16:30 ESPERANÇAS E CETICISMOS**  
Coordenação: JORGE FORBES  
CONVERSAÇÃO ISEPOL NA REDE

**LABRASIVO**  
INSTITUTO LACAN

Valor (incluindo um brunch): **Estudantes: R\$ 30,00 / Profissionais: R\$ 50,00**

Inscrições: Depósito bancário e remessa do comprovante para [isepol.eventos@gmail.com](mailto:isepol.eventos@gmail.com)

Banco Itaú, agência: 3870, c/c 14239-9 - Associação Núcleo Sephora, CNPJ: 09.390.265/0001-18

**Auditório do Hospital Copa D'Or**

Rua Figueiredo Magalhaes, 875 - Copacabana, Rio de Janeiro

**VAGAS LIMITADAS!** As inscrições no dia estarão sujeitas à disponibilidade de vagas! Haverá emissão de certificados.